



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2013: SIC - XXV SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2013
<b>Local</b>	Porto Alegre - RS
<b>Título</b>	Diferenças funcionais da vegetação campestre entre os Biomas Pampa e Mata Atlântica
<b>Autor</b>	GUILHERME BARRADAS MORÉS
<b>Orientador</b>	VALERIO DE PATTÁ PILLAR

No Rio Grande do Sul, os chamados Campos Sulinos - regiões de fitofisionomia predominantemente herbácea - ocorrem em dois biomas: Mata Atlântica e Pampa. Embora estudos em desenvolvimento focados na vegetação campestre destes dois biomas tenham encontrado diferenças significativas entre eles quanto à riqueza, diversidade e composição, não há trabalhos que avaliem possíveis diferenças funcionais. O uso de atributos funcionais tem se mostrado eficiente para responder a perguntas ecológicas em diversos níveis e escalas. Atributos de fácil compilação como forma de crescimento e/ou forma de vida são frequentemente utilizados como descritores funcionais de comunidades de plantas. Em vista disto, este trabalho objetiva averiguar a diferença de grupos funcionais de plantas baseados em formas de vida entre campos do Pampa e da Mata Atlântica. Para isto foram utilizados dados de levantamentos da composição de espécies realizados em 18 parcelas, de seis localidades diferentes, três no Pampa e três na Mata Atlântica. As espécies que apresentaram cobertura relativa maior que 1% em alguma parcela foram categorizadas em grupos funcionais de acordo com a sua forma de crescimento. As formas de crescimento utilizadas consistem em uma nova proposta para classificação de espécies campestres, adaptada das classificações clássicas de Raunkiaer e Ellenberg & Muller-Dombois, que visa aumentar a resolução e poder descritivo deste tipo de abordagem ecológica em fisionomias campestres subtropicais. Este trabalho também visa discutir as diferenças entre estas classificações. Diferenças na cobertura relativa dos grupos funcionais entre os dois biomas foram avaliadas quanto sua significância estatística através de testes de aleatorização. A nova proposta de classificação agrupou as espécies em 11 categorias de forma de vida: geófitas bulbosas, touceiras conectadas e isoladas, rosetas eretas e prostradas, terófitas, decumbentes, rizomatosas, estoloníferas, forbs e subarbustos. No sistema de Raunkiaer, as categorias correspondentes foram terófitas, geófitas e caméfitas. Segundo a proposta de Ellenberg & Muller-Dombois, as categorias foram terófitas, geófitas bulbosas e caméfitas herbáceas, reptantes e sufrutescentes. Os testes realizados com o conjunto total de dados (18 áreas descritas por 11, 3 ou 5 formas de crescimento) denotaram diferenças significativas ( $p < 0.05$ ) entre os biomas Pampa e Mata Atlântica utilizando a nova proposta e o sistema de Ellenberg & Muller-Dombois, mas não com o sistema de Raunkiaer. As terófitas, classificadas da mesma maneira nos três sistemas, apresentaram cobertura significativamente maior ( $P < 0.01$ ) no Pampa (3,22%) em relação à Mata Atlântica (0.5%). Considerando as categorias de Ellenberg & Muller-Dombois, apenas caméfitas herbáceas apresentaram diferença entre biomas (85% no Pampa e 94% na Mata Atlântica;  $P < 0.05$ ). Dentre as categorias da nova proposta, houve diferença entre biomas para touceiras conectadas e isoladas, rizomatosas e estoloníferas ( $P < 0.01$ ). As maiores diferenças foram percebidas em plantas entouceiradas, com 81,34% de cobertura na Mata Atlântica contra 47,31% no Pampa, e em plantas rizomatosas, com 25,51% no Pampa e 4% na Mata Atlântica. Uma hipótese para a causa destas diferenças é o histórico de manejo, que ao longo do tempo exerceu pressões seletivas distintas nos dois biomas. O Pampa foi submetido a maiores pressões de pastejo, e por isso apresenta maior quantidade de plantas prostradas, resistentes a este distúrbio. Já na Mata Atlântica, há histórico de manejo com fogo e baixas pressões de pastejo durante o verão, o que pode ter levado ao predomínio de plantas entouceiradas. Comparando as classificações, a nova proposta se mostrou mais adequada, pois as classificações clássicas só seriam capazes de mostrar a diferença entre plantas anuais e a dominância de caméfitas nos dois biomas, dados insuficientes para inferir diferenças estruturais e seus possíveis agentes causadores.